

**ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM BIBLIOTECAS
BILÍNGUES: LIBRAS/PORTUGUÊS.**

**ACCESSIBILITY FOR THE DEAF IN BILINGUAL LIBRARIES:
LIBRAS/PORTUGUESE.**

Andréa dos Guimarães de Carvalho 

RESUMO

A leitura, em geral, proporciona melhor entendimento, aprendizado e conhecimentos essenciais que contribuem para a formação de estudantes surdos no período da graduação. Com isso, o objetivo desta pesquisa é observar as ações desenvolvidas pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI), da Universidade Federal de Goiás - UFG voltadas para atender as necessidades linguísticas e de acessibilidade, articuladas a questões bilíngues, desse público. Grossi (2008), Cosson (2014) dentre outros sustentaram as discussões deste artigo. Na metodologia, foram aplicados questionários aos servidores das bibliotecas e para alguns surdos que as frequentavam a fim de compreender como as unidades executavam o atendimento dos usuários surdos, e quais as ações de acessibilidade eram desenvolvidas. Os resultados destacaram que as bibliotecas e seus servidores desejam ser mais acessíveis, porém, falta qualificação LIBRAS e motivação para promoverem ações mensais bilíngues.

PALAVRAS-CHAVE: Acessibilidade. Surdos. Literatura. Bibliotecas Universitárias.

ABSTRACT

Reading, in general, provides better understanding, learning and essential knowledge that contribute to the formation of deaf students in the graduation period. With this, the objective of this research is to observe the actions developed by the Integrated Library System (SIBI), of the Federal University of Goiás - UFG, aimed at meeting the linguistic and accessibility needs, articulated to bilingual issues, of this public. Grossi (2008), Cosson (2014) among others supported the discussions in this article. In the methodology, questionnaires were applied to library workers and to some deaf people who frequented them in order to understand how the units performed the service of deaf users, and what accessibility actions were developed. The results highlighted that libraries and their servers want to be more accessible, however, they lack LIBRAS qualification and motivation to promote monthly bilingual actions.

KEYWORDS: Accessibility. Deaf. Literature. University Libraries.

INTRODUÇÃO

Em vários ambientes acadêmicos, a acessibilidade ainda é um grande desafio. As dificuldades estão nas salas de aulas, em congressos e em bibliotecas. No

ambiente das bibliotecas observa-se as tentativas de renovação e busca de espaço no mundo digital. É louvável a atitude de se buscar sempre a renovação. Entretanto questionasse o que esses profissionais estão desenvolvendo, e o que já é feito no cotidiano para melhorarem o atendimento e o melhor reconhecimento dos alunos surdos dentro das bibliotecas da Universidade Federal de Goiás - UFG e, com isso, ser um ambiente motivador de pesquisa e leitura científica que promova e contribuam para o acesso a mais informações, conhecimentos e aprendizagem via acervo literário expansivo, presente nas bibliotecas que constituem o Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) desta Universidade.

O intuito desse trabalho foi observar e entender como funciona o SIBI em relação acessibilidade e como busca se desenvolver em relação a inclusão, sendo ele com projetos, divulgação e até mesmo qualificação para os servidores. Procuramos fazer pesquisa de campo para entendermos como acontece os atendimentos na visão do usuário surdo e do servidor que trabalha no SIBI - Sistema Integrado de Bibliotecas - UFG e conseguimos entender como funciona as leis para garantir a informação para esse usuário que carece de uma auxílio além de que os surdos precisam ser instigados como os ouvintes. Autores como Grossi (2008), Cosson (2014) mostram também a importância da Leitura e este trabalho tem o intuito de mostrar como as bibliotecas são uma parte importante para que a comunidade surda tenha mais acesso à leitura.

Este trabalho está organizado em três partes: na primeira seção, intitulada "Bibliotecas, Literatura e Surdez", procura-se estabelecer a relação entre a importância da literatura, o espaço das bibliotecas e a educação de surdos; na segunda parte, o tema desenvolvido versa sobre a "Acessibilidades nas bibliotecas" e, na terceira, procura-se fazer uma análise dos questionários utilizados na pesquisa.

1 BIBLIOTECAS, LEITURA E SURDEZ

O termo "biblioteca", segundo Houaiss (2001), vem da junção de dois termos gregos: βιβλίον (Ibiblion) e θήκη (teca). O primeiro termo com o significado de "livro" e o segundo, "caixa" ou "depósito". De forma geral, a biblioteca é um local onde são guardados livros, publicações diversas e documentos, mas as bibliotecas são mais do que um local de reunião de acervo literário e documental. De acordo

com Silva (2015, p. 39), é possível perceber o espaço da biblioteca como um repositório de memória da sociedade:

[...] uma memória coletiva, originada das memórias individuais; depositária da história objetiva e ideológica da sociedade. Poeticamente, pode-se dizer que a biblioteca é toda memória do mundo, um lugar que se apresenta com mecanismos complexos de armazenamento e acesso à informação, mas que traz a possibilidade de dispor dos conhecimentos passados disponíveis.

A importância das bibliotecas como “memória coletiva” da humanidade, justifica a necessidade de estudos sobre a história desses espaços de conhecimento. A história das bibliotecas pode ser iniciada com a Biblioteca de Alexandria,

[...] a primeira com aspirações universais e, com sua comunidade de estudiosos, tornou-se o protótipo das universidades da era moderna. O grande estoque de livros reunido em Alexandria definiu uma nova concepção a respeito do valor do conhecimento. O objetivo era reunir tudo que estivesse disponível (BATTLES, 2003, p. 36).

Na Antiguidade, academias e bibliotecas eram frequentadas pela aristocracia. As demais classes sociais, formadas por pequenos comerciantes, camponeses e escravos, não tinham amplo acesso aos livros guardados nas bibliotecas. Foram necessários muitos séculos e novas tecnologias, como a imprensa de tipos móveis, para que as bibliotecas se tornassem locais abertos a todos aqueles que desejassem usufruir do prazer da leitura e do conhecimento registrado nos livros.

A leitura é um processo cultural, do qual participa o indivíduo alfabetizado que tem contato com livros, jornais e revistas. O ato de ler, no entanto, não consiste apenas em decodificar letras e símbolos. A leitura individual amplia a capacidade cognitiva e transforma o leitor em uma pessoa questionadora e curiosa diante dos fatos do mundo. O hábito da leitura torna o leitor mais apto para resolver seus problemas cotidianos, relacionar-se com pessoas e crescer em sua vida profissional.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade (GROSSI, 2008, p. 3).

A prática da leitura para pessoas ouvintes é, em geral, um processo que se inicia na infância e se desenvolve ao longo da vida, visto que a ampliação dos conhecimentos de cada indivíduo depende de sua interação com diferentes tipos de leitura. O mesmo ocorre com as pessoas surdas, no entanto, de forma mais complexa. Para o surdo a sua língua materna, LIBRAS, é viso-espacial, enquanto a leitura de textos tem base oral, o que torna o processo mais difícil, uma vez que precisa transformar os símbolos impressos em imagens significativas.

O hábito da leitura amplia no leitor a capacidade de questionar o senso comum e posicionar-se diante de novas ideias, aceitando-as ou recusando-as, a partir de sua própria reflexão. De acordo com Cosson (2014, p. 37), no processo de leitura o que interessa é o texto, tanto em suas linhas como em suas entrelinhas:

[...] por isso ler começa na compreensão do que diz o texto e tem como ápice a identificação da estrutura ou o reconhecimento dos mecanismos retóricos do texto. Dessa forma, em sua visão mais básica, a leitura é, antes de qualquer coisa, um processo de decifração do texto, de decodificação daquilo que o texto diz. Nos casos mais elaborados, ler é desvelar o texto em sua estrutura, tal como se observa na proposta hoje comum nos manuais de literatura de se analisar um texto poético a partir das camadas sonoras, lexical e imagística com que é constituído. Ler é analisar o texto.

De acordo com Cosson (2014), portanto, ler é “decifrar”, “decodificar” o texto, desvendando a sua estrutura a partir das suas muitas “camadas”. Sob esse ponto de vista, a alfabetização, de forma geral, é falha em relação ao ato de ler já que, na maioria das vezes, não se observa verdadeiro empenho da escola para iniciar seus alunos ao hábito da leitura.

A partir de pesquisa feita pelo Pró-Livros, Itaú Cultural e IBOPE inteligência (2020), foi possível observar que o Brasil teve uma queda de cerca 4,6 milhões de leitores. No período de 2015 até 2019, entretanto, a faixa etária que mais teve desenvolvimento e interesse na leitura foi a de crianças entre 5 e 10 anos. Esses leitores leem por vontade própria. Um fato facilmente comprovável é que o hábito da literatura, quando adquirido no início da infância, é vital para a formação do leitor adulto. Esse hábito deve ser cultivado precocemente, no decorrer da infância e da juventude.

As escolas e as bibliotecas são espaços fundamentais para que uma comunidade tenha um número expressivo de leitores e, por isso, vale questionar

como as bibliotecas têm desempenhado o seu papel de formar leitores e, também, como está ocorrendo a inclusão nesses espaços.

Quando se trata de leitura, o desenvolvimento de crianças surdas e ouvintes é bem diferente. Nos primeiros anos de vida, porém, o potencial de desenvolvimento de surdos e ouvintes é semelhante, considerando que, segundo Piaget (1982), todos nascem com inata capacidade de desenvolvimento intelectual. É desejável, portanto, a exposição de crianças a diferentes estímulos, para que se desenvolvam plenamente.

Uma criança surda carrega vários obstáculos em sua infância para chegar a ser um leitor apto, já que seus pais não aceitam a LIBRAS como L1 ou podem aceitar, mas as escolas regulares não têm total domínio para uma alfabetização bilíngue para os surdos colocando a LIBRAS como L2 quando os pais são ouvintes. Dessa forma, torna-se cada vez mais difícil para o surdo, desenvolver-se social e familiarmente.

O Decreto n. 5.626, publicado em 22 de dezembro de 2005, regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. O decreto n. 5.626 torna obrigatório às Instituições Federais de Ensino e Educação, de acordo com o artigo 23, proporcionar os serviços de tradutor/intérprete de LIBRAS - Língua Portuguesa em salas de aulas e em outros espaços educacionais, como exposto em seus parágrafos 1º e 2º:

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação (BRASIL, 2005)

Com a promulgação das Leis n. 10.098 e n. 10.436, esperava-se que os surdos tivessem acesso à comunicação, à informação e à educação. Anos depois de editado, o Decreto n. 5.626 mostra-se algumas vezes sem efeito no cotidiano das escolas, pois os alunos não conseguem ter um ensino bilíngue. Atualmente, podemos ver crianças surdas e ouvintes juntas em uma mesma sala de aula, sem que haja uma inclusão satisfatória para o surdo. A partir da constatação dos fracos resultados dessa “inclusão”, surgem questões relativas ao insucesso dessa inclusão e da acessibilidade que a lei impõe:

Apesar dos avanços, as leis não conseguiram incluir verdadeiramente o surdo no ambiente escolar, colocando-o como um aluno que necessitava de educação especial. No inciso III, do artigo 4º, da LDB - Lei de Diretrizes e bases, lê-se que será garantido “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Crianças surdas que têm a LIBRAS como L1 e crianças ouvintes, cuja L1 é a Língua Portuguesa, não conseguem se comunicar entre si. Como poderia haver inclusão em uma sala de aula que apresente essa realidade? A falta de uma lei que apoie o ensino de LIBRAS no ensino fundamental ou médio, torna difícil a comunicação entre dois alunos com línguas diferentes em uma única sala. O que se observa é que os intérpretes se tornam professores dos alunos surdos, pois o professor regente não tem domínio da Língua de Sinais. As exigências para inclusão da LIBRAS como disciplina curricular não estão sendo cumpridas, como disposto no Art. 9º do Decreto n. 5.626 22, de dezembro de 2005:

A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir LIBRAS como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais; I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição; II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição; III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.

Parágrafo único. O processo de inclusão da LIBRAS como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

O que tem acontecido, contudo, é que a carga horária oferecida por essas instituições, tem se mostrado ineficaz. Não qualifica os professores ao domínio da língua, nem lhes permite a fluência necessária para esclarecer as dúvidas de um discente sem a ajuda do intérprete. Segundo Lacerda (2006, p. 176):

- a) A escola não se preocupa mais com a questão, porque se preocupar significaria buscar outras ajudas profissionais (intérprete, educador surdo, professor de apoio etc.) e a escola pública brasileira, em geral, não conta nem com a equipe básica de educadores para atender as necessidades dos alunos ouvintes;
- b) os professores, que percebem que o aluno não evolui, mas não sabem o que devem fazer, por falta de conhecimento e preparo;
- c) os alunos ouvintes, que acolhem, como podem a criança surda sem saber bem como se relacionar com ela;

d) o aluno surdo, que, apesar de não conseguir seguir a maior parte daquilo que é apresentado em aula, simula estar acompanhando as atividades escolares, pois afinal todas aquelas pessoas parecem acreditar que ele é capaz; e) a família, que sem ter outros recursos precisa achar que seu filho está bem naquela escola.

Lacerda (2006) observa o que acontece em várias escolas que, mesmo após a promulgação dessas leis, continuam a oferecer aos alunos uma educação bem distante de ser inclusiva e acessível. Outro local onde encontramos dificuldades no acesso e na inclusão da comunidade surda é nas bibliotecas. Segundo a Revista; "Biblioteca Pública: princípios e diretrizes", da FNB (2010 p. 23), a Biblioteca Pública é definida como:

A biblioteca pública é o centro local de informação, disponibilizando prontamente para os usuários todo tipo de conhecimento. Os serviços fornecidos pela biblioteca pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos, independente de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou status social. Serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para usuários inaptos, por alguma razão, a usar os serviços e materiais regulares, por exemplo, minorias linguísticas, pessoas deficientes ou pessoas em hospitais ou prisões.

Portanto, a diretriz das bibliotecas se mostra aberta para acessibilidade, não importando qual a condição do usuário. Sendo assim, a partir das declarações, surgem perguntas sobre a acessibilidade dos surdos às bibliotecas e sobre a competência dos servidores desses locais, no que diz respeito ao uso da Libras. Na Universidade Federal de Goiás - UFG, onde foi criado o primeiro curso presencial de Letras: Libras do país, segundo Resolução CEPEC Nº 1574 (2018), da Universidade Federal de Goiás - UFG, há referência a uma biblioteca setorial. A necessidade da acessibilidade dentro da Faculdade de Letras é de extrema importância, pois esse Curso foi uma grande conquista para a comunidade surda, principalmente do Estado de Goiás.

A UFG oferece aos surdos um processo seletivo criado pela UFG inclui no qual 15 vagas do curso Letras: LIBRAS são destinadas para surdos, que são submetidos a um processo especial como informa o Art. 1º III pelo CONSUNI, n. 31/2012. Por conta disso, podemos pensar se a UFG e, principalmente a FL, mostra-se acessível para esses alunos que ingressam na Faculdade desde 2013 a necessidade de contato com as bibliotecas são de extrema importância em qualquer Curso Universitário. Além deste curso de graduação ser o único no período noturno e ter a única biblioteca do Sistema de Bibliotecas/UFG dentro de uma Faculdade, facilitando

bastante o acesso dos estudantes surdos pois não precisam se deslocar muita das vezes pelo campus até a Biblioteca Central-BC.

Apontamos então as bibliotecas do Sistema de Bibliotecas - UFG. No ano de 1973, a Biblioteca Central/BC foi criada com a junção do acervo de 13 bibliotecas departamentais e começou a funcionar no prédio da Faculdade de direito. Nos anos 80 o Ministério da Educação concedeu um local próprio para a biblioteca localizada no Campus Samambaia. Nesse momento ocorreu a divisão do acervo entre a Biblioteca Central e a Biblioteca Campus Colemar Natal e Silva/BSCAMI, com o tempo outras bibliotecas foram sendo criadas para comportar os outros Campus da UFG em outros estados de Goiás.

No momento, o SIBI/UFG é composto por nove bibliotecas voltada para o público universitário e uma escolar que são totalmente livres para a comunidade em geral, porém apenas alunos da Instituição ou pessoas que tem vínculo direto com a UFG como: professores e técnicos administrativos efetivos podem fazer o empréstimo e a devolução de livros. Essas bibliotecas são: a Biblioteca Central Prof. Alpheu da Veiga Jardim, localizada no Campus 2, com funcionamento de segunda a sexta-feira; Biblioteca Seccional Campus 1 (BSCAMI) – Campus Colemar Natal e Silva, localizada no Setor Universitário; Biblioteca Seccional Campus Aparecida de Goiânia (BSCAP), situada no Bairro Conde dos Arcos, Ap. de Goiânia; Biblioteca Seccional Cepae Prof. Geraldo Faria Campos (BSCEPAE) localizado também no Campus 2, única biblioteca escolar dentro do SIBI/UFG; Biblioteca Seccional Letras e Linguística (BSLL), também localizada no Campus 2, na Faculdade de Letras, com um acervo mais voltado para os alunos dessa unidade; Biblioteca Seccional Jataí – Jatobá (BSREJ – Jatobá), Setor Parque Industrial/ Jataí-GO, que agora faz parte da UFJ; Biblioteca Seccional Jataí – Riachuelo (BSREJ - Riachuelo).

A Faculdade de Letras é a única com cursos no período noturno que tem uma biblioteca do Sistema de Bibliotecas/UFG. Isso facilita o acesso dos estudantes surdos, pois não precisam se deslocar até a Biblioteca Central - BC. Os surdos podem estudar nesse local, já que a UFG tem um programa que busca garantir acessibilidade para todos.

As bibliotecas são importantes para crianças, jovens e adultos surdos conhecerem a sua própria língua, desenvolverem melhor escrita em português e também uma boa sinalização. No site da BC - UFG conseguimos perceber a grandiosidade de seu acervo. Segundo informações retiradas desse site, as

bibliotecas da UFG são informatizadas e, como outras bibliotecas universitárias, participam do Portal CAPES. No Histórico do Site do Sistema de Bibliotecas SIBI/UFG, há uma série de informações sobre o acervo disponível e outros serviços:

[...] mais de 12 mil títulos de periódicos eletrônicos com textos completos e mais 80 bases de dados com resumos de documentos científicos. Também mantém convênios com o IBICT e com a Bireme para o serviço de Comutação Bibliográfica (Comut). Oferece diversos serviços, alguns deles restritos à comunidade da UFG – que é composta por estudantes de graduação e de pós-graduação com matrícula atualizada na instituição, servidores docentes e técnico-administrativos ativos e inativo.

O Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI), tem também sob sua responsabilidade o Portal de Periódicos da UFG, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o Repositório Institucional, coordenados pela Gerência de Recursos Tecnológicos (GRT). No Laboratório LAI – Laboratório de Acessibilidade Informacional, desenvolvido por uma parceria com o Núcleo de Acessibilidade UFG e o SIBI/UFG-Sistemas de Bibliotecas/UFG, há equipamentos de tecnologia assistiva e serviços para pessoas com deficiência.

Até a última atualização no site da biblioteca, no dia 13 de março de 2020, às 8h e 11min, encontravam-se disponíveis para alunos com deficiência os seguintes equipamentos: Lupa Digital Portátil utilizada para pessoas com baixa visão que amplia as palavras dando mais comodidade para os usuários; ampliação de materiais bibliográficos impressos e digitais facilitando também a leitura para usuários com baixa visão; assinadores para auxílio no preenchimento de assinatura para pessoas com alguma dificuldade; computadores adaptados com softwares leitores e ampliadores de tela para pessoas com deficiência visual e até mesmo deficiência motora; digitalização e conversão de material para alunos cegos; escaner digitalizador de imagens; folheador de páginas para pessoas com alguma deficiência motora; Impressão em braile; Leitor de livros digitais e regletes para a escrita em braile.

As informações disponíveis no site do SIBI/UFG (www.bc.ufg.br) têm tradução para LIBRAS. Nesse site, não é informado se há pessoas capacitadas para atender, nas bibliotecas, usuários surdos que possam necessitar de acompanhamento para acessar o acervo e se informar sobre o funcionamento da biblioteca. Normalmente há treinamento *online* para alunos e servidores, visando a emissão das carteirinhas

da biblioteca e, nesse site, tem-se acesso a algumas explicações em libras de como o usuário da biblioteca deve se portar e utilizar o acervo. Há registros de atividades voltadas para acessibilidade e inclusão, mas parecem escassas as ações especialmente focadas em surdos ou libras. No ano de 2018 ocorreu a “Semana Nacional do Livro”, registrada nos sites da UFG, como podemos ver no *folder* exposto no Anexo 1.

Um marco para a comunidade surda foi a criação da Bibliolibras: Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil, em LIBRAS e Português, no Curso de Letras/LIBRAS, da Universidade Federal de Goiás. Essa biblioteca foi criada com o intuito de contribuir para a acessibilidade de crianças surdas e deficientes visuais. O acervo da biblioteca foi criado com o objetivo de auxiliar essas crianças a terem contato com histórias de tradicional oral, como os contos de fadas, as fábulas e outros textos de tradição oral.

A Bibliolibras é um site que conta em seu acervo com 12 livros audiovisuais bilíngues, apresentados oralmente por um narrador, em português; em LIBRAS, por intérpretes e, também, em português escrito. Os textos são adaptações de contos tradicionais, recolhidos pelos Irmãos Grimm.

O projeto teve apoio da TV UFG, que apresenta essas histórias em libras em um Inter-programa, alcançando assim outras crianças e abrindo ainda mais a possibilidade de a comunidade ter acesso a essas narrativas. O projeto atende crianças surdas, com deficiência visual, e também crianças ouvintes que, talvez, não tenham acesso as essas histórias. Como a Literatura é muito importante para a formação pessoal das crianças, é expressiva a importância da Bibliolibras para essas crianças.

2 AVALIAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

No desenvolver da pesquisa foram criados dois questionários. Um deles foi apresentado aos alunos surdos (Anexo 2) e o outro, aos servidores (Anexo 3). No processo de avaliação desses questionários conseguimos obter alguns dados sobre a atuação dos servidores e a percepção dos alunos surdos que frequentam as bibliotecas do SIBI, em especial a biblioteca setorial da Faculdade de Letras. Os três alunos que responderam à pesquisa não se consideram deficientes auditivos.

Definem a si mesmos como surdos e, como tal, apontam a necessidade de comunicação em LIBRAS.

Na resposta a uma das perguntas do questionário, um aluno surdo informa que não sentia dificuldade antes da pandemia. Provavelmente, esta pessoa era oralizada e sabia ler lábios por conta das máscaras fica impossível a leitura de lábios. Neste caso a solução seria um atendente saber LIBRAS.

Os alunos foram questionados em relação a projetos feitos pelas bibliotecas e dois discentes responderam que participaram de algum projeto na biblioteca setorial. Outro aluno comentou sobre a Bibliolibras e a hora do conto, um projeto de extensão da Faculdade de Letras, UFG, aberto para a comunidade em geral. As histórias são contadas em LIBRAS e em Português.

Uma das questões mais importantes foi sobre a comunicação dos surdos com os servidores. Na visão dos usuários surdos, apenas um se sente seguro para conversar e ser compreendido. Os outros dois têm alguma dificuldade e se sentem mal por não conseguirem se comunicar. Precisam escrever ou levar algum colega ouvinte para ajudá-lo. Há usuários surdos que já deixaram de ir à biblioteca por não se sentirem confortáveis ao pedir informação.

Outra questão aborda a opinião dos surdos sobre o que deveria ser mudado em relação à acessibilidade e um depoimento refere-se à organização dos livros e a como é feita a catalogação. Se os livros não estiverem no lugar, eles não conseguem encontrar o que procuram. Tal situação os leva a procurar a ajuda de algum servidor. Outro questionamento foi feito em relação à necessidade de material em LIBRAS ou ELIS (Escrita da Línguas de Sinais). Se houvesse maior disponibilidade de material em LIBRAS, teríamos mais surdos dentro de uma biblioteca.

A necessidade de que a Universidade se mostre mais aberta para a inclusão e a diversidade é fundamental para os surdos na UFG. No documento que trata da Política de Acessibilidade da Universidade Federal de Goiás, de 2017, no eixo 4 (2017, p. 13-14) encontramos na Meta 1, que tem como objetivo “Garantir a acessibilidade informacional com a implantação e implementação do Laboratório de Acessibilidade Informacional (LAI) nas Regionais” (2017, p. 13), as seguintes ações:

- Criar metodologia de implantação do trabalho no LAI e nas bibliotecas das Regionais.
- Buscar recurso financeiro e estrutural para funcionamento adequado do LAI e das bibliotecas das Regionais para atendimento das

especificidades das pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades (ex. impressora 3D, tela grande para computador).

- Elaborar material de divulgação impresso e em canais de comunicação dos serviços prestados pelo LAI.

- Oferecer serviços de digitalização, conversão e ampliação de materiais bibliográficos impressos e digitais, computadores adaptados com softwares leitores e ampliadores de tela, impressão em braile, lupa ampliadora digital portátil, escaner leitor de livros, escaner digitalizador de imagens, folheador de páginas, entre outros equipamentos e serviços de acessibilidade. - Buscar recursos e códigos de vagas junto ao MEC para ampliação do número de profissionais efetivos para o atendimento no LAI.

- Buscar a aquisição, desenvolvimento e disponibilização de materiais didáticos/pedagógicos e bibliográficos acessíveis (ex. gravações em libras e audiodescrição), conforme demanda identificada e/ou solicitada.

- Realizar a articulação entre Universidades do Brasil para desenvolvimento de sítios eletrônicos para armazenamento e disponibilização de materiais bibliográficos acessíveis já produzidos.

- Buscar recursos para implementar o projeto Biblioteca Acessível, em parceria com as Bibliotecas Setoriais da UFG (sinalização interna e externa; realocação de espaços individuais e para pesquisa, banco de dados, repositório nacional de material digital – livros, apostilas, aplicativos diversos, entre outros).

Algumas dessas metas se consolidaram com o avanço dos anos e outras ainda precisam ser desenvolvidas, em relação acessibilidade e inclusão dentro da UFG.

Quanto ao questionário oferecido aos servidores das bibliotecas, todos têm mais de quatro anos de prestação de serviço no SIBI. Dos quatro servidores que responderam ao questionário apenas um se sentiu seguro ao atender um surdo, pois teve o auxílio de um intérprete. Os outros se mostraram inseguros e incapazes por não conseguirem ter uma comunicação plena como acontece com os ouvintes.

A partir da leitura desses depoimentos, percebemos que alunos surdos procuram menos as bibliotecas e que, infelizmente, não há um programa de capacitação que vise uma boa fluência para que os bibliotecários possam ter uma plena comunicação com o usuário surdo. Três servidores informam que conhecem a LIBRAS, mas o contato que tiveram não possibilita o uso da língua profissionalmente e que não se considera uma pessoa que saiba LIBRAS.

Tivemos o entendimento que até mesmo os servidores consideram as bibliotecas pouco acessíveis para o usuário surdo. Na pergunta feita em relação a acessibilidade em geral das bibliotecas onde esses servidores trabalharam, três entendem que não havia acessibilidade. Houve um momento, porém, em que uma

estagiária que conhecia LIBRAS trabalhou no local, fazendo que os alunos surdos se sentissem mais amparados.

No quesito projetos que já foram desenvolvidos pelas bibliotecas temos uma diversidade de experiências que nos faz pensar sobre como esses servidores se sentem em relação à falta de domínio para se comunicar com usuários que fazem parte da UFG. Há o núcleo de acessibilidade e outros projetos de contação de história e acessibilidade dentro dessas bibliotecas (Anexo 4).

Conseguimos observar que esses servidores sentiram a necessidade que têm as bibliotecas de ser acessíveis, com afirmativas de que esses locais são públicos ou simplesmente por ser a acessibilidade algo que precisa ser abordado e discutido.

Observa-se, portanto, a necessidade de mudanças que não poderíamos ver se uma pessoa surda que convive e passa por esses acontecimentos nos faz pensar e abrir os olhos para tantas coisas que precisam ser mais observadas e tratadas de uma melhor forma e com tudo isso conseguimos chegar no propósito do nosso trabalho; mostrar as duas vertentes de surdos e servidores do SIBI/UFG eles entendem que acessibilidade é algo que precisa ser tratado e estudado, fazendo projetos que consigam chegar no público que realmente precisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos abordar a amplitude das bibliotecas da UFG e percebemos como a acessibilidade precisa estar presente na Universidade. A biblioteca é um local de informação e comunicação sendo assim podemos entender que os servidores realmente tem o interesse em buscar acessibilidade dentro desses locais, entretanto, ainda falta muito, não apenas projetos para divulgação dessas bibliotecas para que chegue aos usuários surdos, sendo eles estudantes da UFG ou da comunidade em geral, pois a Universidade busca sempre ser inclusiva e acessível para todos, e todos os projetos e qualquer outra coisa desenvolvida pela UFG é voltada para a comunidade em geral.

Podemos ver que os servidores realmente têm interesse em tornar a biblioteca acessível para os surdos. O LAI foca em acessibilidade, mas sentimentos que falta muito acesso aos usuários surdos, materiais em LIBRAS e em ELIS isso faria com que eles tivessem mais interesse em frequentarem a biblioteca em busca de informação e não apenas por "obrigação" em alguns casos apenas por conta da

Faculdade de Letras/LIBRAS, por exemplo, já que existem muitos surdos nesse curso.

Os questionários e os levantamentos bibliográficos nos deixaram entender essa situação que infelizmente abrange a Faculdade de Letras e o Curso de Letras/LIBRAS. Contudo, entendemos que oficinas externas e internas na universidade deveriam ser realizadas, com uma boa divulgação, fazendo que os surdos se sintam confortáveis em relação a ir nas bibliotecas da UFG e que quando chegarem no local encontrem pessoas capacitadas para conversarem e resolverem o problema daquele usuário surdo utilizando sua língua materna, mesmo que a UFG disponibiliza intérpretes eles não têm a liberdade de irem a hora que querem pois precisam marcar horários.

Com os servidores fluentes isso abriria a porta do preconceito existente aos surdos irem apenas por querer procurar um livro por diversão ou por necessidade. Abrangendo a comunidade em geral para que pais de filhos surdos tenham interesse em levar suas crianças na biblioteca escolar da UFG a BSCEPAE e também frequentando "A hora do conto" para escutar histórias em LIBRAS. Dessa forma, divulgando ainda mais a Bibliolibras e, com isso, melhorando até mesmo a aceitação desses pais em relação a surdez, trazendo isso como algo normal e sem complicações.

Em resumo, os resultados principais, retirados dos dados, destacaram que as bibliotecas do SIBI desejam ser mais acessíveis, porém, de acordo com os entrevistados, tanto sob a perspectiva dos surdos como dos servidores, falta qualificação e motivação para os servidores públicos para promoverem ações mensais bilíngues com a aprendizagem e uso da LIBRAS para se comunicarem melhor e auxiliarem os alunos surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas.** Trad. João Virgílio Gallerani Cutter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. 239 p.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DALLA DEA, Vanessa Helena Santana; ROCHA, Cleomar de Souza. Política de Acessibilidade na Universidade Federal de Goiás: construção do documento. **Revista Polyphonia**, v. 28, p. 45, 2016.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca Pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. de Processos Técnicos, 2000.

GROSSI, Gabriel Pillar. Leitura e sustentabilidade. **Nova Escola**, São Paulo, n. 18, abr. 2008.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Apresentação. **Cadernos do CEDES (UNICAMP)**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 117-119, 2006.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SILVA, Rose Mendes. **Comunicação, cultura e biblioteca**: uma reflexão sobre o modelo de comunicação do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia: Universidade Federal de Goiás-UFG, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. RESOLUÇÃO CEPEC Nº 1574. **Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras**: Tradução e Interpretação em Libras/Português, grau acadêmico Bacharelado, modalidade Presencial, da Faculdade de Letras, para os alunos ingressos a partir de 2014. Goiânia: Universidade Federal de Goiás-UFG, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Resolução CONSUNI n. 31/2012**. Altera a Resolução CONSUNI n. 29/2008, modificada pelas Resoluções 20/2010 e 18/2011, que dispõem sobre o Programa UFGInclui na UFG. Goiânia: Universidade Federal de Goiás-UFG, 2012. Disponível em: <https://prograd.ufg.br/p/7657-resolucoes-do-programa-ufginclui>. Acesso em: 20 mai. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. SIBI/ UFG. **Site do Sistema de Bibliotecas da UFG**. Disponível em: <https://www.ufg.br/p/6386-sistema-de-bibliotecas>. Acesso em: 20 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Política de Acessibilidade da Universidade Federal de Goiás**. Sistema Integrado de Núcleos de Acessibilidade. Goiânia: Universidade Federal de Goiás-UFG, 2017.

ANEXOS

Anexo 1



**As bibliotecas são mais do que suas coleções
Semana nacional do livro e da biblioteca**

<p>29 de outubro</p> <p style="text-align: center;">Manhã</p> <p>Abertura: Exposição Tetê – a, tetê Artista: Nay Gonçalves</p> <p>9:30h – Sala de áudio e vídeo Palestra “Escola inclusiva: o desafio de aprender com as diferenças” com a Dra. Denise de Oliveira</p> <p>11h – Sala de áudio e vídeo Exibição de um curta metragem: A menina que odiava livros</p> <p style="text-align: center;">Tarde</p> <p>14h – Sala multifuncional Minicurso – Artigos acadêmicos: princípios e normas da ABNT com a Msa. Esdra Basílio</p>	<p>30 de outubro</p> <p style="text-align: center;">Manhã</p> <p>Abertura: Exposição Notas íntimas arbitrárias Curadoria: Karine Camila Oliveira Artista: Emilliano Alves de Freitas Nogueira</p> <p>9h às 10:30h – Sala cantinho da leitura Hora do conto com Natália e Ana Júlia (Bolsistas do Laboratório de Acessibilidade Informacional – LAI)</p> <p>10:30h às 11h - Sala de áudio e vídeo Exibição de um curta metragem: Peppa Pig - “ A biblioteca”</p> <p style="text-align: center;">Tarde</p> <p>16h às 18h – Hall do térreo Oficina de pipas com os servidores César Araújo e Edimar Dantas</p> <p style="text-align: center;">Noite</p> <p>19:30h às 22h – Teatro de arena Palestra “Gênero e os desafios do assédio institucional” com a Dra. Maria Meire de Carvalho, a Dra. Ionara Rabelo e a Esp. Damaris Morais</p>
---	---

29 e 30 de outubro
Informações
3371-2741
Será emitido certificado de participação

Fonte: UFG (2018). Disponível em: <https://www.ufg.br/e/22098-semana-nacional-do-livro-e-da-biblioteca-na-regional-goias>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Anexo 2 – Questionário para Usuários Surdos

1. Você se considera:
Surdo ()
Deficiente auditivo ()
Outro
2. Você estuda na UFG?
Sim ()
Não ()
3. Você considera a UFG acessível para a surdez ou deficiência auditiva?
4. Já participou de algum projeto em relação a Libras dentro da Faculdade de Letras? Na biblioteca? E em outras faculdades?

5. Ao pedir informação para algum funcionário da biblioteca você usa sua língua materna?
Sim. Consigo ser compreendido e entender o funcionário.
Não. Preciso escrever ou levar algum colega ouvinte para me ajudar.
Não. Já deixei de ir na biblioteca por não me sentir confortável ao pedir informação.
Às vezes, quando uso a sinalização e a oralização.
Outro.
6. O que você acha que deveria melhorar nas bibliotecas da UFG?
7. Você acha que os funcionários das bibliotecas estão preparados para atendê-los?
Sim
Não
Outro
8. Há algo que você considera interessante incluir neste questionário?

Fonte: Própria autora (questionário alicado).

Anexo 3 – Questionário para Servidores do SIBI/UFG.

1. Você trabalha a quanto tempo na biblioteca?
- 1-2 anos
- 2-3 anos
- 4- ou mais anos
2. Já atendeu algum usuário surdo? Se atendeu, como foi a experiência? Sentiu-se capaz de atendê-lo?
3. Você conhece a Libras: Língua Brasileira de Sinais? Em caso afirmativo, onde aprendeu?
4. Considera a biblioteca onde trabalha acessível para usuários surdos?
5. Já trabalhou em alguma biblioteca que você considerava acessível?
6. Em seu local de trabalho, desenvolveram algum tipo de projeto para acessibilidade na biblioteca? Quais? Se não, pensam em desenvolverem algo?
7. O que você acha sobre a necessidade da acessibilidade?
8. Há algo que você considera interessante incluir neste questionário?

Fonte: Própria autora (questionário alicado).

Anexo 4

Em seu local de trabalho, desenvolveram algum tipo de projeto para acessibilidade na biblioteca? Quais? Se não, pensam em desenvolverem algo?

4 respostas

Sim. No local há o núcleo de acessibilidade. Porém, até o momento, não há alunos que sejam surdos, apenas com baixa visão. Desenvolvemos um circuito de vivências em 2019, em que os alunos faziam um percurso, dentro do ambiente da biblioteca, como se fossem cadeirantes e cegos. A dinâmica nos fez perceber que a biblioteca não encaixava totalmente em alguns requisitos de acessibilidade, nos fazendo modificar alguns espaços.

Tínhamos uma bolsista que nos auxiliava em projetos de acessibilidade. Cantávamos histórias em libras e ensinávamos alguns sinais aos alunos. Porém ainda precisamos realizar muitas coisas. Penso que poderíamos começar com a capacitação em libras aos servidores.

Sim. Capacitações em Libras para servidores.

Sim, alguns. Desenvolvemos um projeto intitulado: "Diversidade: muito além da inclusão", ofertando no expositor de livros, uma ampla temática sobre a diversidade humana, de cor, raça, credo, gênero, e de pessoas com deficiência, tais como: "O silencioso mundo de flor", "Minha irmã é diferente", "O campeão", "Tom", "A felicidade das borboletas", "Mãos de vento, olhos de dentro", "As cores no mundo de Lúcia", entre outros. Fizemos Contação de histórias, os professores e alunos, na nossa encantadora roda viva literária, que acontece semanalmente com as turmas do 1@ ao 5@ ano do Ensino Fundamental, no espaço da Biblioteca da escola, no CEPAE/UFG. Outro projeto que fizemos foi o "Setembro verde: mês oficial da

Sim. Capacitações em Libras para servidores.

Sim, alguns. Desenvolvemos um projeto intitulado: "Diversidade: muito além da inclusão", ofertando no expositor de livros, uma ampla temática sobre a diversidade humana, de cor, raça, credo, gênero, e de pessoas com deficiência, tais como: "O silencioso mundo de flor", "Minha irmã é diferente", "O campeão", "Tom", "A felicidade das borboletas", "Mãos de vento, olhos de dentro", "As cores no mundo de Lúcia", entre outros. Fizemos Contação de histórias, os professores e alunos, na nossa encantadora roda viva literária, que acontece semanalmente com as turmas do 1@ ao 5@ ano do Ensino Fundamental, no espaço da Biblioteca da escola, no CEPAE/UFG. Outro projeto que fizemos foi o "Setembro verde: mês oficial da inclusão social das pessoas com deficiência", destacando o Dia mundial das línguas de sinais, o dia nacional do surdo, e o dia nacional das pessoas com deficiência. Neste projeto, enfoquei a apresentação da Lei Brasileira de Inclusão, a L.B.I. 2015, que assegura os direitos de inclusão das pessoas com deficiência na nossa sociedade. Apresentei a lei, em forma de ticket a ser destacado e lido pelos alunos. Em cada encontro, líamos dois ou três fragmentos da lei e discutíamos a pertinência daquele assunto. Foi um projeto extremamente proveitoso, para conhecer as necessidades das pessoas com deficiência e os seus direitos de inclusão para a construção de uma sociedade com um olhar mais atento ao bem-estar do outro, na tentativa de minimizar o sofrimento que o outro sente com aquela limitação.

Fonte: Própria autora (excertos retirados do questionário alicado).

Sobre a autora

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB

Contato: andrea.cenaudio@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9748-8772>

Artigo recebido em: 31 de agosto de 2022.

Artigo aceito em: 28 de novembro de 2022.